

nossas camas, quase sempre a ouvíamos chorar em seus pesadelos e na manhã seguinte descobríamos que seu sonho repetia a nossa visão." Yeats e seu tio uniram-se na busca pelo passado irlandês. Eles procuraram imagens desse passado, procuraram pegadas na areia do tempo, por assim dizer. "Considerando que Mary Battle, enquanto dormia, recebeu nossos pensamentos, embora embrutecidos ou transformados em caricaturas", perguntou-se Yeats, "os pensamentos do estudioso ou do eremita, embora eles não falem uma palavra, ou qualquer coisa de sua forma e impulso, não passam para a mente geral?" E: "Uma nação, em contraposição a uma multidão de recém-chegados casuais, não estava ligada por este intercâmbio entre correntes de sombras? A Unidade de Imagem, que eu procuro na literatura nacional, não era apenas um símbolo criador?"

Naturalmente, aqui está a ligação entre Yeats como o poeta nacionalista irlandês, o poeta do simbólico, e o experimentador do sobrenatural. A complexidade de suas idéias às vezes fizeram Yeats sentir-se "não apenas solitário, mas desamparado". Ele se defendeu contra a acusação de ter-se dedicado aos assuntos esotéricos por "amor ao estranho" ou "amor à excitação", ou devido ao acidente de ter-se encontrado em um círculo experimental, mas porque "aconteceram coisas inexplicáveis desde a minha infância e por causa de um irrefreável anseio". Ele agrega: "Quando os eventos sobrenaturais começam a acontecer, o homem primeiro duvida do seu testemunho; mas, quando eles se repetem de novo e de novo, o homem duvida de todo o testemunho humano. Pelo menos ele conhece sua própria tendência e pode, talvez, levar em conta o fenômeno, mas como confiar nos historiadores e psicólogos que, por cerca de trezentos anos, ao escrever a história do homem ou da mente humana, ignoraram uma parte tão importante da experiência humana? O que mais eles terão ignorado ou distorcido?"

Yeats relembra que certa vez, num jantar em Londres, escreveu, num pedaço de papel: "Em cinco minutos, York Powell falará sobre o incêndio de uma casa", e depois empurrou o papel para debaixo do prato de uma pessoa que estava sentada ao seu lado. Imaginou, então, um "símbolo do fogo". Powell, o orador, "mudou a conversa de assunto para assunto e dentro de cinco minutos estava descrevendo um incêndio que presenciara quando era ainda um rapazola". Ele refletiu sobre o significado de tais experiências, em contraste com as

práticas de transferência de pensamento, em Rosses Point. Sua busca pelas imagens do passado irlandês levaram-no a um estudo das visões entre a gente do campo, que ele descobriu serem "muito semelhantes àquelas que evocamos por meio de símbolos". Ele registrou que um dia Mary Battle olhou pela janela e então "a mais bela mulher que você jamais viu" cavalgou, "surgindo do outro lado das montanhas e vindo diretamente para cá". Isto pode ter sido uma visão através da história e terrada perto dali, em Knocknarea.

Yeats foi econômico ao descrever suas próprias visões, da mesma forma que fora cauteloso ao descrever experiências feitas em sessões e outras impressões pessoais e diretas. Todavia, em 1898 ou 1899, ele teve uma série de visões que "vieram sem qualquer uso consciente de um símbolo, durante um curto período e com muito mais intensa nitidez". Ele viu "duas ou três" formas humanas, ao que parece de mulheres de extraordinária beleza, "de incrível formosura", uma das quais "sempre deverá atormentar minha memória". Ficou intrigado; estes eram "espíritos", como diziam os camponeses; eram pessoas reais "talvez revisitando os lugares onde viveram"; ou eram dramatizações, personificações de "alguma memória da raça", em contraposição à memória viva? E esses "espíritos" com características distintas e, muitas vezes, "caprichosos, generosos, despeitados, ansiosos, zangados", eram mais do que meras "imagens e símbolos"? Se suas imagens [dele, Yeats] podiam influenciar os sonhos de Mary Battle, as imagens das lendas, por seu turno, não poderiam influenciar os seus? Enquanto cochilava, ele imaginou um "estranho casal de cachorros, de corpo muito longo, um negro e outro branco". Logo depois encontrou esses cães exatamente descritos, numa lenda camponesa. E falando de cães imaginários, para livrar-se de ter pesadelos, Yeats caiu no hábito de, antes de ir dormir, criar a imagem de quatro cães de guarda, um em cada canto do seu quarto; não falou a seu tio sobre este recurso auto-sugestivo, mas Pollexfen disse-lhe: "Eis uma coisa muito curiosa; muitas noites, agora, quando deito minha cabeça sobre o travesseiro, ouço o som de cachorros acuando — o som parece sair do meu travesseiro."

Yeats praticou sugestão terapêutica com seu tio. Certa ocasião, uma febre deixara George Pollexfen em delírio, fazendo-o ver "figuras vermelhas, dançando". Yeats concentrou-se no símbolo cabalístico da água e logo o seu tio disse: "Há um rio correndo através do quarto." Sentiu-se mais fresco e falou